

Entre os Tallensi do Norte da Costa do Ouro, os antepassados, os seus descendentes humanos e os animais sedentários estão todos unidos por um laço territorial.

Como membro de um clã alargado, um homem está na dependência de antepassados comuns e afastados, simbolizados por animais sagrados; como membro de uma linha de filiação, de antepassados mais próximos, simbolizados por totens; como indivíduo, enfim, de antepassados particulares que lhe revelam o seu destino pessoal e que podem manifestar-se-lhe por intermédio de um animal doméstico ou de caça.

*Claude Levy-Strauss, O Totemismo Hoje, Edições 70*

Os antepassados estão espiritualmente presentes na vida social dos seus descendentes, da mesma maneira que os animais sagrados estão presentes nos charcos sagrados ou nos sítios a que o grupo é identificado... Os símbolos totémicos são, como todos os outros símbolos rituais, os pontos de referência ideológicos que o indivíduo utiliza para se guiar.

*M. Fortes, The Dynamics of Clanship among the Tallensi  
In Claude Levy-Strauss, O Totemismo Hoje, Edições 70*

- Veste-me, mamã, ao jeito da orla do oceano:

Calças à marinheiro  
Camisola azul ultramarino  
e galão miraculoso.

- Onde vais assim, marujo  
a calcorrear as ruas da terra?

- Procuo as ruas do mar!

*Rafael Alberti, Marinheiro em terra*

São estes cães, cavalos e lebres seres intermediários – porque viajam – que procuram muitas vezes em terra os caminhos do mar para, ao encontrá-los, descobrirem que afinal são indivíduos excluídos.

No Auto da Barca do Inferno, Gil Vicente não dá lugar na barca, juntamente com os outros condenados, ao judeu com o bode às costas a troco de paga em dinheiro – único meio permitido pelos cristãos aos judeus de comprarem a sua liberdade – obrigando-o a avançar com o bode, “símbolo de todos os pecados”, água dentro pelos seus meios, tão excluído da sociedade dos condenados como o fora afinal da sociedade dos vivos.

É de uma viagem para o desconhecido que todos estes seres multiformes e estranhos de Canau Espadinha parecem dar testemunho, seres mediterrânicos e antagónicos, que talvez avancem alguns pelo Mar das Trevas – como era designado o Oceano Atlântico na Idade Média, antes da reconquista, por Al Idrisi, cartógrafo e artista mudéjar – a caminho do Novo Mundo.

Não é Afrodite que emerge do mar estagnado que rodeia talvez um qualquer promontório da Lua, são os sonhos da deusa, as suas quimeras que povoam os limites do seu mar solar e cartografam os contornos da sua beleza.

Nestes seres existe contenção e rigor, mas também singularidade e diferença, ou seja, uma medida apolínea para a norma e uma medida dionisíaca para a exclusão. Entre eles, nenhum toma o lugar do outro, ou seja, o pai nunca cede o lugar ao filho nem o filho parte jamais ao encontro do pai. Vive-se entre fantasmas. Nada se adquire, nada se perde. Observa-se uma ausência total de tempo, de relações de poder, de interferências interpessoais. Mar parado, caminho deserto. Cada um sente apenas a sua alma. Cada um totem de si próprio. Serão as imagens destes seres magicamente projectadas pela Lua, lugar onde descansam as almas dos mortos, ou de Saturno o planeta dos conhecimentos passados e futuros.

*Sérgio Portugal, Setembro de 1995*